



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

DA RESIDÊNCIA MÉDICA À RESIDÊNCIA AGRÁRIA: O PROJETO CAMPONÊS E A ESTRATÉGIA UNIVERSITÁRIA.

Área Temática: Formação do engenheiro e novas possibilidades de atuação

Maria Inês E. da Costa

Universidade Federal do Ceará - UFC, Campus Cariri – escobar@ufc.br

Resumo

Este trabalho apresenta uma demanda que é crescente, de uma formação diferenciada para os profissionais das ciências agrárias que atuarão na especificidade da agricultura familiar camponesa, ao mesmo tempo, aponta uma alternativa que nasce do anseio dos movimentos sociais do campo em articulação com as universidades. O objetivo central é pensar sobre a primeira experiência brasileira de Residência Agrária e as contribuições que este projeto trouxe para a universidade e para os povos do campo. A partir desta análise conclui-se que a Residência Agrária faz parte de um Programa que apresenta excelentes condições de contribuir para a formação dos profissionais que atuam na especificidade da agricultura familiar, que partilham a idéia de uma reforma agrária urgente e ampliada, construída com a participação de diferentes sujeitos, dentro da perspectiva de uma Educação do Campo e do desenvolvimento sustentável. A partir de uma metodologia dinâmica, na linha da complexidade esta experiência traz novo fôlego para um redesenho da engenharia agrônômica e demais cursos das ciências agrárias.

Palavras-chave: Residência Agrária; Formação Profissional; Ciências Agrárias; Agronomia

1 Introdução

Este trabalho objetiva ser uma contribuição para as pessoas que buscam caminhos novos dentro da formação profissional nas ciências agrárias e na ressignificação dos currículos e processos formativos na educação superior. Este trabalho, também objetiva contribuir com as pessoas que estão dentro do Estado e acreditam que as políticas públicas, particularmente as de educação, também são fundamentais e estão no cerne de uma mudança social na luta dos povos do campo e na Questão Agrária.

Aqui são chamados povos do campo de maneira genérica todos aqueles (as) que vivem, e produzem sua existência nos campos, florestas, cerrados, no mar, nos rios, em ambientes opostos à organização urbana, e segundo Wanderley (1996) numa lógica de construção de territórios familiares, de lugares de vida e de trabalho, capazes de guardar a memória da família, e de produzi-la para as gerações posteriores. Estes são agricultores, extrativistas, pescadores, quilombolas e tantos outros. Sempre persiste a discussão sobre o nome “povos do campo,” talvez não seja a denominação que gere mais identidade neste povo, afinal existem, os povos da floresta, do mar, mas é um espaço político e economicamente construído, o espaço dos povos do campo. Que remete à uma identidade de classe, à uma luta por direitos, a um povo organizado e à uma história camponesa de organização e resistência. Mesmo não



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

tendo uma referência identitária global tem sido o termo que mais aglutina os diferentes povos “da natureza”.

Na maioria das universidades públicas do país, não é difícil constatar que a agronomia (acrescenta-se os demais cursos das agrárias) não atingiu ainda a sua maturidade¹, o que possibilitaria uma ação de vanguarda na realidade agrária brasileira, colocando-se de forma ética, pluralista e propositiva, juntamente com outras ciências, a serviço do conjunto da sociedade brasileira, como ensina Valdo Cavalett (1999). Assim, a experiência da 1ª Residência Agrária do país começa com a discussão sobre a necessidade da não intervenção em uma realidade desconhecida pela maciça maioria dos estudantes e professores – a realidade camponesa. O primeiro passo seria vivenciar o campo. Diferente do médico que já vivência seu campo de atuação desde os primeiros semestres do curso, o engenheiro agrônomo pode se formar sem ter o menor contato com o campo e principalmente sem saber o que é uma agricultura familiar e a complexidade que isto significa, considerando seu papel estratégico para o desenvolvimento sustentável do campo e da cidade. A agronomia tem características suficientes para ser chamada de ciência da complexidade por ter necessária vinculação entre a sociedade e a natureza, por pesquisar estes fluxos que ligam o natural ao social. Mas padece de simplismos, tecnicismos e vinculação histórica com setores os setores extremamente capitalizados que se vinculam ao rural.

2 O Projeto

A Residência Agrária se inspira em uma estratégia da medicina que forma para as especificidades – a Residência Médica que foi instituída no Brasil pelo Decreto nº 80.281, de 5 de Setembro de 1977 e, segundo o Ministério da Educação, se constitui uma modalidade de ensino de pós-graduação destinada a médicos, sob a forma de curso de especialização, funcionando em Instituições de Saúde, sob a orientação de profissionais médicos de elevada qualificação ética e profissional, sendo considerada o “padrão ouro” da especialização médica. A Residência Agrária propõe que este processo seja estendido para os profissionais do campo que necessitam visceralmente entender a especificidade de alguns campos de atuação especialmente o da categoria camponesa ou da agricultura familiar. Assim o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o INCRA com assessoria dos movimentos sociais e sindicais formulam uma Residência Agrária. Sendo assim uma articulação dentro do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, que em comunicação com o Gabinete do Ministro do Desenvolvimento Agrário – MDA, instituiu o Programa de Residência Agrária através da Portaria 057, de 23 de julho de 2004, com o nome de Programa Nacional de Educação do Campo: Formação de Estudantes e Qualificação Profissional para Assistência Técnica e Extensão Rural – Residência Agrária.

Essa experiência foi composta dos seguintes elementos, que foram executados pelas universidades que se integraram ao Projeto:

¹Santos (1989, *apud* Cavalett, 1999). O desenvolvimento da ciência madura processa-se em duas fases, a fase da ciência normal e a fase da ciência revolucionária. Na fase da ciência normal as soluções são propostas dentro do mesmo paradigma. Na fase da ciência revolucionária as soluções não são mais possíveis dentro do mesmo paradigma e através da contribuição e geração de conhecimentos externos a ele emerge uma nova base de conceitos e alternativas que podem vir a se constituir um novo modelo paradigmático.



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

1º passo Elaborar um projeto para um Estágio de Vivência, que segundo orientações da Coordenação Nacional² deveria ter:

- i. seis meses de duração;
- ii. estagiários, exclusivamente, das Ciências Agrárias;
- iii. escolha de comunidades, prioritariamente, nos territórios rurais definidos pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial - SDT³ e áreas prioritárias de Reforma Agrária, segundo INCRA,
- iv. os territórios deveriam ter, obrigatoriamente, uma equipe de Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER ou de Assessoria Técnica, Social e Ambiental – ATES atuando na área,
- v. um ou mais Orientadores de Campo (técnicos de ATER ou ATES), que se responsabilizariam pelo estágio de campo, pela inserção dos estagiários na vida cotidiana das comunidades e que na próxima etapa estariam juntos com os estudantes compondo a turma do Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo,
- vi. Orientadores Acadêmicos (professores das universidades) que obrigatoriamente deveriam ir a campo mensalmente, articulando, seu trabalho de orientação com os técnicos de campo, estagiários e trabalhadores(as) do campo. Estes orientadores receberiam bolsa de pesquisa para esta orientação,
- vii. previsão de eventos de formação abertos à comunidade acadêmica, fortalecendo o debate da Reforma Agrária na academia.

2º Passo elaborar um Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo⁴, que aconteceria ao final do estágio de vivência, consistindo resumidamente em dois grandes tempos formativos:

I – O tempo, que chamo aqui de Tempo Universidade, mas também é chamado de Tempo Escola consiste em um tempo onde a turma está reunida desenvolvendo conteúdos programáticos do currículo do curso em forma de aulas, oficinas, seminários, estudos de caso em campo, com o acompanhamento de professores, monitores, coordenadores pedagógicos e outros.

² A Coordenação Nacional da Residência Agrária era composta pela coordenadora do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, representante do MDA e do INCRA e professores das IFE's, como também representantes dos movimentos sociais e sindicais do campo.

³ A SDT considera territórios rurais os territórios onde os critérios multidimensionais que os caracterizam, bem como os elementos mais marcantes que facilitam a coesão social, cultural e territorial, apresentam, explícita ou implicitamente a predominância de elementos “rurais”. Em 2003/2004 foram elencados territórios prioritários da SDT.

⁴ Estes projetos de curso foram construídos coletivamente entre as universidades e movimentos sociais como veremos mais á frente no item 2.4



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo. Os núcleos são os seguintes:

Região Norte

Universidade Federal do Pará - UFPA certifica o curso e desenvolve parceria com o movimento social e sindical dos dois estados (PA e AC), e com a Universidade Federal do Acre – UFAC.

Região Nordeste I

Universidade Federal do Ceará - UFC certifica o curso e desenvolve parceria com o movimento social e sindical dos três estados (PI, RN e CE), e com as universidades federais do Piauí - UFPI e a Rural do Semi Árido - UFERSA (antiga ESAM)

Região Nordeste II

Universidade Federal da Paraíba - UFPB certifica o curso e desenvolve parceria com o movimento social e sindical dos quatro estados (PE, PB, BA, SE) e com as universidades federais de Sergipe - UFS, a Rural de Pernambuco – UFRPE e a do Recôncavo Baiano - UFRB (antiga UFBA de Cruz das Almas).

Região Centro Oeste

Universidade Estadual do Mato Grosso - UNEMAT certifica o curso e desenvolve parceria com o movimento social e sindical dos dois estados (GO e MT), e com a Universidade Federal de Goiás – UFG e Federal do Mato Grosso – UFMT.

Região Sul/Sudeste

Universidade Federal do Paraná - UFPR certifica o curso e desenvolve parceria com o movimento social e sindical dos quatro estados (PR, SP, RJ, RS), e com a Universidade Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Universidade de Campinas – UNICAMP e Universidade de Santa Maria – UFSM.

O Programa, como já dito antes, tem força inovadora ao propor uma nova prática aos técnicos(as), alicerçada no diálogo e em uma formação mais humanista e interdisciplinar. Embora, a Residência Agrária tenha a intenção clara de contribuir com a mudança da realidade precária do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural em assentamentos e áreas de Agricultura Familiar, é tarefa grande demais para um programa de Formação assegurar este serviço, pois, garantir uma equipe técnica tem implicações relativas ao rumo das Políticas de Extensão Rural.

Embora a Coordenação Nacional do Programa tenha insistido que fosse condição precípua a existência de uma equipe de Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER ou de Assessoria Técnica Social e Ambiental - ATEs para que o residente tivesse um grupo de apoio, o qual ele também fortaleceria, isto, não pode ser garantido em muitos casos, mediante as dificuldades do enorme desafio que o Estado brasileiro enfrenta na tentativa de universalização do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural com condições mínimas de execução em um país como o Brasil.

A estratégia de incluir na turma de residentes um Orientador de Campo, que é um técnico que já se formou há algum tempo e está atuando nas áreas, tem especial importância, pois,



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

adiciona ao grupo um novo saber. O saber do acadêmico que já vivenciou a realidade camponesa há algum tempo, que provavelmente está em processo de formação dentro da pedagogia dos movimentos sociais e sindicais do campo, e tem a carga da experiência do mundo profissional. Depois deste período que o técnico figurou como Orientador de Campo, ele passa à uma nova fase, sendo também um residente agrário, compondo a turma da Especialização que se iniciou após o Estágio de Vivência.⁵

Outra estratégia era garantir a presença dos professores das universidades no campo, de forma que o estágio de vivência também fosse deles. Mas fundamental era que as famílias conhecessem os pesquisadores, soubessem sobre suas pesquisas, como encontrá-los e aos poucos esta relação fosse indutora de novas relações e projetos de pesquisa e extensão, que nascessem do cotidiano real dos camponeses. A idéia foi propiciar a construção de um espaço de diálogo destes sujeitos, representantes da pesquisa científica e do campo brasileiro _ o espaço da partilha. Desta partilha, a expectativa girava em torno da elaboração de projetos coletivos, com os múltiplos interesses presentes, mas com elementos que os dessem unidade.

Outro nível de coletividade foi à reunião de universidades para elaboração de um projeto comum de Especialização, que representasse um plano de formação com vistas a realidade territorial. Para isto, era necessário conhecer o outro, se abrir às diferenças e possibilidades do outro. Construir uma parceria onde a competição não se tornasse o motor propulsor e sim a cooperação entre as universidades. Pois o espaço da partilha não se restringia à partilha de conhecimentos, mas de recursos, de tempo, de pessoas.

3 O Estágio de Vivência: da Solidão à Partilha



Em 1992, a UNESCO premiou o Estágio de Vivência organizado pela Federação dos Estudantes de Agronomia - FEAB. Hoje em universidades como a Federal do Pará - UFPA o Estágio de Vivência faz parte do currículo do curso, se institucionalizou em Marabá e Altamira, mas esta região tem uma peculiaridade: o Sudeste Amazônico é um território da Agricultura Familiar, pois destoando do resto do Pará é uma região que tem mais áreas de Agricultura Familiar do que latifúndio. Portanto, infelizmente esta realidade da agronomia no campus de Altamira e Marabá é uma exceção a regra.

Em 2004 a Residência Agrária resgata esta experiência consagrada da Federação dos estudantes de Agronomia do Brasil - FEAB e compõe com outros aspectos uma política pública de formação para profissionais que atuam ou vão atuar com Assistência Técnica e Extensão Rural. Do ponto de vista da formação profissional, esse tipo de experiência torna-se

⁵ Muitas vezes, verificou-se técnicos perdidos na segunda fase, pois, suas equipes se retiraram das áreas de campo. Por falta de pagamento do INCRA, de problemas no instrumento jurídico de repasse de recursos. E ficaram sem vínculo profissional com as famílias de assentados(as), dependendo assim, ainda mais da bolsa de pesquisa para continuarem indo a campo. Sua relação com as famílias se tornou muito delicada e difícil.



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

fundamental para problematizar o conhecimento científico produzido pelas universidades e a sua adequação ou não às demandas sociais.

A Universidade quando se insere no Programa deve promover inicialmente um Estágio de Vivência – esta é a primeira fase da Residência. Neste estágio os estudantes vão a campo vivenciar o dia-a-dia das famílias que trabalham e vivem do campo. A idéia é um compartilhar de olhares, de saberes, é quebrar a arrogância muitas vezes evidenciada na postura dos técnicos e reforçada pela universidade através da hierarquização do conhecimento. Neste momento realiza-se um pacto entre estudante e comunidade: é um pedido de entrada, é um reconhecimento das limitações e um se dispor a contribuir a partir da troca de aprendizagens. Não é um momento fácil, pois, os estudantes estão vivenciando as questões da juventude, o peso da formatura, de um diploma e o desafio de uma realidade diferente aonde vão se deparar com sintaxes diferentes, lógicas produtivas diferentes e outras visões de mundo. É também na Vivência que vêm na prática o que muitas vezes só viram nos livros, e que vão confrontar “o aprendido”, e ter a possibilidade de contribuir criticamente a partir de sua formação e de sua vida.

A primeira turma deste Programa teve o Estágio de Vivência prolongado por mais de seis meses na maioria dos estados, e tinham a figura do orientador acadêmico (professor da universidade) e um orientador de campo (técnico que atuava no local). Nesta etapa, constatou-se também que a maioria dos professores dos centros de ciências agrárias das Universidades que integram a Residência nunca haviam ido a um assentamento ou os conheciam superficialmente.

Neste aspecto, a Residência Agrária tem um papel fundamental de aproximar a universidade, os pesquisadores das questões reais das famílias camponesas. Envolvê-los neste universo, comprometê-los com a melhoria da qualidade de vida destas pessoas também é um dos objetivos do Programa.

Experimentar a vivência no seio das famílias é algo marcante na vida destes profissionais, sensibiliza, revolve interiores, traz para fora questões que ficaram adormecidas durante o tempo de faculdade. O Estágio de Vivência aproxima a universidade da terra e como dizem os camponeses “terra é mais do que terra” é família, cultura, cuidado, estética, solidariedade, é altar do sagrado do que é essencial da vida.

Os dados que veremos na Tabela 2 nos revelam um dos princípios do Programa que é trabalhar com as ciências agrárias no intuito de contribuir com o trabalho das equipes de Assistência Técnica que estão em campo, mas também influenciar nos currículos destes cursos, na formação destes profissionais, na pesquisa realizada nos centros de ciências agrárias.



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

Tabela 2 – Número de Residentes (recém egressos das ciências agrárias e técnicos que já atuam no campo) por Formação Acadêmica por Região

FORMAÇÃO ACADÊMICA	REGIÃO					TOTAL
	NE	NO	CO	SE	S	
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	107	42	36	25	38	248
Veterinária	11	-	2	3	2	18
Agronomia	62	25	26	9	32	154
Eng ^a . Alimentos	1	-	-	1	-	2
Eng ^a . Florestal	1	1	8	1	1	12
Zootecnia	6	-	-	3	1	10
Eng ^a . Agrícola	1	-	-	2	-	3
Eng ^a . de Pesca	4	-	-	-	-	4
Economia Doméstica	9	-	-	3	-	12
Ciências.Agrárias	10	14	-	3	-	27
Técnico Cooperativas	-	-	-	-	1	1
Administrador de Cooperativas	2	-	-	-	1	3
Heveicultura	-	2	-	-	-	2
OUTRAS ÁREAS	5	6	3	0	5	39
Serviço Social	2	1	-	-	-	3
Biologia	1	-	3	-	-	4
Letras	1	-	-	-	-	1
Filosofia	1	-	-	-	-	1
Pedagogia	-	-	-	-	2	2
História	-	2	-	-	2	4
Administração	-	1	-	-	1	2
Geografia	-	2	-	-	-	2
TOTAL	112	48	39	25	43	267

(-) formação sem residente

Fonte: dados fornecidos pelos coordenadores de projeto em cada estado.

No total da primeira turma há 267 residentes entre técnicos e recém formados, do total 248 são das agrárias e 39 de outras áreas do conhecimento. Mesmo dentro das agrárias a mistura de agrônomos com economistas domésticas e engenheiros de alimentos trouxe uma rica troca de saberes e um confrontar de conhecimentos geradores de muitos conflitos, mas também, de grandes descobertas.

4 Construindo a Pesquisa da Residência Agrária

Uma das grandes discussões era a dificuldade que os professores das ciências agrárias (e quase sempre eram maioria nas reuniões) têm em discutir o método pedagógico, como também a teoria que inspira este método. Mas o início da discussão não deveria ser o método,



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

ele viria sim, a partir do amadurecimento das visões e leituras de realidade. Talvez também, não se tivesse tempo para amadurecê-lo ainda para a primeira turma, mas mesmo assim, considero ter sido um avanço na concepção do Projeto. Afinal toda vez que se repensa o ser humano se repensa a educação, as teorias pedagógicas são teorias do ser humano e nem sempre teorias didáticas são teorias pedagógicas.

O desafio colocado era como formar a partir da pesquisa, trabalho e estudo um sujeito cognitivo, comprometido com a realidade do campo, com um conhecimento crítico. E isto através da certeza que o ser humano é um sujeito de arte, cultura, estética e ritual. Pensando nisto, uma pergunta era lançada nas reuniões ao grupo de professores. Onde, na formação dos técnicos, se aprende a informação cultural do campo? Onde está localizado na teoria pedagógica? Na pesquisa?

Como pensar uma pesquisa omnilateral (que vislumbrasse vários lados) que fosse integral se o universo acadêmico, casa onde habita a pesquisa reconhecida formalmente, é tão fragmentado?

O entrave foi que a concepção de pesquisa para a maioria dos professores das ciências agrárias envolvidos no Projeto se reportava às pesquisas apenas experimentais, ou sob ambientes controlados, ou apenas tecnológicas, focadas nos aspectos produtivistas, unidimensionais, concebendo uma distância enorme entre teoria e prática. A proposta da pesquisa na Residência Agrária tem um aspecto multidimensional, transdisciplinar, complexo como a realidade camponesa, portanto, via-se necessário seguir em frente sempre avaliando, considerando as limitações de todos no processo e sem ter medo de reformular, reinventar, reconstruir.

A educação e pesquisa devem mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão. MORIN (2000 p. 38)

Esta certeza da incerteza, do erro é que gostaríamos que aos poucos os residentes e orientadores fossem se banhando, reconstruindo conceitos e refazendo junto com os assentados, leituras de desenvolvimento, de trabalho de economia. Morin também diz que, “além disso, o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos.” E por não poder tratar, precisava-se achar caminhos para a valorização de outros conhecimentos. Achar o caminho da valorização da composição de saberes.

Pensar na pesquisa desta Residência é pensar a pesquisa sob diversos níveis e dimensões: a pesquisa dentro das universidades, sua relevância, sua articulação com o real, o perfil dos professores que realizam estas pesquisas e que serão orientadores dos residentes.

5 Pensando os Currículos

Na Residência Agrária temos currículos pensados e avaliados pelos movimentos sociais do campo em parceria com as universidades e movimentos estudantis, este é um grande avanço. Pois, quanto de vigilância simbólica contra organização popular está presente na estrutura dos nossos currículos de graduação.

Pensar o currículo dos cursos num coletivo diverso é tarefa difícil. A diversidade de sujeitos também é carregada da diversidade de interesses, de histórias, de preconceitos de gente diferente. E isto requer um tempo de aproximação para que as diferenças se transformem em



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

potencialidades e não limitações. Enquanto aconteciam 15 Estágios de Vivência em 15 estados diferentes, a Coordenação Nacional promovia as reuniões regionais para construção dos cursos de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo. Ao contrário da Residência Médica cujas especializações são especificidades da medicina, o Residência Agrária tenta compor a esfacelada multidimensionalidade do universo rural valorizando à especificidade da produção de base familiar-camponesa.

Questões há muito abandonadas ou apagadas nos cursos dentro das universidades deveriam necessariamente estar presentes na Residência, como de maneira geral estão nos cursos da Educação do Campo: o compromisso com o estudo, a responsabilidade coletiva, a arte e a cultura, o trabalho solidário, cooperativo, a avaliação permanente, coletiva e individual. Os cursos deveriam se realizar dentro da perspectiva da Alternância, e assim os monitores teriam muito a contribuir a partir de sua avaliação e crítica aos êxitos e dificuldades dentro dos cursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. A prática do técnico educador deve estar repleta de teoria, de reflexão e suas teorias devem estar alicerçadas na realidade prática. Mas como nossa reflexão epistemológica avança mais rápido que nossa prática, fomos sentindo que na hora de colocar de pé o curso, as formas tradicionais se pronunciavam em tom mais alto.

O primeiro impulso na montagem da rede curricular dos cursos foi de ir recheando o currículo com as disciplinas que os professores já ministravam, que já havia em outras especializações, então, com a ajuda dos monitores que conhecem bem o campo, retornávamos sempre à pergunta: o que é necessário para que esse profissional contribua efetivamente na vida dos povos do campo? Assim, nos aproximávamos mais do real.

Aparecia o segundo impulso que se baseava na reflexão de que são muitos os conhecimentos necessários para estes profissionais: históricos, sociológicos, antropológicos para que faça uma leitura mais crítica da realidade, das relações, também é necessário um conhecimento técnico agroecológico, para contribuir com alternativas mais sustentáveis e uma prática pedagógica consistente, com conhecimentos metodológicos, comunicativos, culturais que favoreçam a organização do povo, a troca de conhecimentos e a produção cultural.

O que nos auxiliaria mais tarde seria a preciosa contribuição dos técnicos que já estão em campo, dos militantes do setor de produção dos movimentos sociais que trouxeram os principais gargalos da prática do técnico. Junto com a ousadia de alguns professores que propuseram metodologias diferentes de funcionamento dos cursos. A partir daí surgiram formatos interessantes como o curso da região Norte que realiza as etapas dos Tempos Comunidades em diferentes localidades (Altamira, Marabá e Rio Branco) escolhendo uma temática forte daquela regional amazônica, e a partir dela os problemas vão sendo abordados. A maior parte dos cursos trabalha com a idéia de módulos ou eixos temáticos nos projetos pedagógicos, tarefa difícil esta, pois, toda lógica na construção de currículos tem girado em torno das disciplinas.

Houve uma grande dificuldade de encontrar professores que tivessem afinidade com a proposta metodológica em algumas áreas, em alguns estados. Também acredito que há uma lacuna muito grande do conhecimento no que diz respeito à Economia Camponesa e até mesmo sobre o conhecimento agroecológico. Nossos professores formados no pensamento neoclássico e com pouco conhecimento da economia moral da produção familiar, da lógica e



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

simbólica camponesa têm dificuldade de trabalhar os conteúdos da economia, administração, contabilidade para a especificidade da Agricultura Familiar. Os próprios setores de produção dos movimentos sociais do campo ainda utilizam planilhas demonstrativas de viabilidade econômico-financeira, afim de financiamento da produção, que não refletem a realidade da evolução produtiva das famílias. Faltam modelos, faltam experiências nos diferentes ecossistemas, nas diferentes culturas e identidades camponesas. Visualizar a possibilidade de um mercado nacional camponês, de regras diferenciadas é um passo bem mais ousado, mas quem sabe um sonho possível. Afinal as comunidades e assentamentos são tão complementares, existem os que abatem, outros que processam, áreas de turismo rural familiar, áreas produtoras de hortaliças, núcleos consumidores e assim por diante.

A questão é que os grupos embora complementares não se enxergam, imersos na penumbra de um mercado capitalista competitivo, de exploração, de concentração de renda e egoísmo. A academia necessita se banhar na lógica sobrevivente do camponês, na lógica cooperativa que o faz resistir na terra e a partir dessa Vivência, somada ao conhecimento científico acumulado elaborar propostas, junto com os agricultores e agricultoras, de viabilidade econômico-financeira, de melhoria de vida, de vitalização da sócio-economia solidária, movimentando mercados excluídos e explorados: camponês, extrativista, da pesca artesanal, e tantos outros. Este é um dos desafios para estes jovens residentes com seus orientadores e as comunidades que os recebem.

6 Conclusões

A Residência Agrária ainda tem muitos desafios para sua consolidação: o descompasso dos calendários das universidades, a dificuldade das universidades em realizarem trabalhos coletivamente entre escolas, inter e transdisciplinares, a dificuldade de comunicação e às difíceis condições de acesso aos assentamentos, realidade enfrentada todos os dias pelas famílias assentadas.

Neste aspecto há uma contradição no projeto de formação, elaborado sob os princípios da educação popular, da Educação do Campo, do desenvolvimento sustentável e a formação e prática dos formadores e orientadores da pesquisa, que, em sua maioria, são profissionais com pouca ou nenhuma experiência neste campo. Mas partindo do pressuposto que a realidade é socialmente construída, temos então um grande projeto de pessoas diferentes construindo pensamentos e saberes diferentes sobre a mesma coisa – o universo camponês. Esta marca cultural que as ciências agrárias imprimem em seus profissionais, que molda nossa forma de pensar e de nos posicionar no mundo causa grandes conflitos dentro da estrutura do Programa, dentro da relação da universidade e movimentos sociais do campo e destes dois com o Estado, que gerencia a política.

Para que as universidades formulem propostas de educação transformadoras, e também os movimentos sociais, é necessário, como diz Mészáros (2005), superarem os antagonismos estruturais da nossa sociedade, pois, estes bloqueiam o caminho para uma mudança absolutamente necessária, sem a qual não há sobrevivência para a humanidade, muito menos para a melhoria de suas condições de existência. A Residência Agrária se propõe ser um projeto camponês e universitário, proposta radical de mudança educacional, essencialmente nas ciências agrárias, mas está exposto às margens corretivas do capital, presentes dentro das universidades, dentro do estado gestor público e também dentro do movimento social. Fazer a ruptura com o paradigma da separação entre a teoria e a prática, razão e emoção, ciência e



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

arte, ciência e mito é opção para transformação social qualitativa, a primeira turma viveu a proposta ousada, respondeu quanto possível dentro das limitações sociais das universidades e movimentos do campo. Hoje se encontra na tensão de ruptura, podendo se consolidar como projeto coletivo ou morrer nas margens já referidas anteriormente.

A questão agrária brasileira com a contribuição de áreas como a ciência política, a sociologia, a geografia é um descortinar conflituoso para todos nós envolvidos na análise de caminhos do desenvolvimento do campo. O momento é de construção, estudo e criatividade. O momento é de abertura a novas lógicas, ao olhar do outro e à novas reformulações e combinações. Este momento se aninha nos espaços produzidos na Residência Agrária, se materializa nos espaços (lugares) onde o projeto foi instalado nas universidades e dentro dos assentamentos e áreas de Agricultura Familiar. A Residência Agrária se territorializa na academia e no campo, com ela os grandes debates da Agricultura Familiar e Reforma Agrária. Se os cursos das ciências agrárias guardassem em seus currículos o retrato da nossa diversidade ambiental, cultural e estética, talvez não precisariam de uma Residência Agrária. Hoje ela existe como demanda de um setor dentro das universidades e também como demanda dos povos do campo, que querem profissionais competentes tecnicamente, mas também comprometidos com as lutas do povo. Então a ciência reconhecida como prática social deve estar presente na tessitura da rede do desenvolvimento sustentável no campo brasileiro. A tarefa é juntar saberes tradicionais, confrontá-los aos saberes acumulados na academia e ir bordando diferentes experiências de vida: de professores, jovens formados, técnicos “calejados”, servidores públicos do Estado, militantes sociais e comunidades organizadas ou não.

Mesmo sendo um projeto camponês e universitário, ele foca seu olhar na necessidade de transformação da universidade com vistas à transformação do campo e da sociedade brasileira. É um projeto engajado na causa camponesa, mas dificilmente será linha de frente nas bandeiras reivindicatórias dos movimentos sociais e sindicais do campo, mesmo os mais compromissados com a educação. Isto pela imensa distância que separa as condições de existência dos trabalhadores e trabalhadoras do campo das condições de existência dos profissionais das universidades. Este abismo de diferença social, econômica e de oportunidades gera tensões quando se unificam as lutas, quando se discute projetos e orçamentos, nascendo assim um falso antagonismo, que bloqueia a transformação necessária. É nessa perspectiva que acredito que este projeto deva ser abraçado pelos setores populares dentro das universidades, pelas reitorias comprometidas com a transformação social, pelo movimento docente e discente e assim garantir a parceria e construção com os movimentos sociais do campo.

A construção da Residência Agrária exige muito trabalho e persistência, há que se considerar que o “erro”, ou o “insucesso” também nos auxiliam. As universidades através do confronto com experiências de outras universidades se desafiam a fazer diferente para a segunda turma. E há uma expectativa crescente na evolução deste projeto. Esta expectativa tem causado uma efervescência nas turmas de formandos das ciências agrárias, que procuram incansavelmente os coordenadores do projeto, segundo seus relatos. Este aspecto levanta uma preocupação com a estrutura de funcionamento deste projeto no âmbito do Estado, sua sustentabilidade versus seu potencial de contribuição.



8°ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

A Residência Agrária é uma abordagem à educação, ao trabalho e a aprendizagem qualitativamente diferenciada, projeto engajado dentro do mar de dificuldades da sociedade atual, e é por isto também que ela existe.

7 Referências Bibliográficas

CAVALETT, V. J. *A Formação do Engenheiro Agrônomo em questão: A expectativa de um profissional que atenda as demandas sociais do séc. XXI.* 114 p. 1999, São Paulo. Tese de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.

COSTA, M. I. E. *Uma Residência para as Ciências Agrárias: Saberes coletivos para um projeto camponês e universitário*, 86 p., (UnB-CDS, Mestre, Política e Gestão Ambiental, 2006).

MÉSZAROS, I. *A Educação para além do capital*. São Paulo. Boitempo. 2005 pág.25.

MORIN, E. *Os setes saberes necessários para a educação do futuro*. 2ª.ed. Cortez; São Paulo

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Edições Afrontamento 2001[1987]

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. *Raízes Históricas do Campo Brasileiro*. 1996. In: XX Associação nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Sociologia – ANPOCS, 1996, Caxambu. Anais 33 p.